



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

MARIA DO SOCORRO COELHO DE OLIVEIRA

FORTALEZA – CE

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

MARIA DO SOCORRO COELHO DE OLIVEIRA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia para obtenção do título de Especialista pela Universidade Federal do Ceará.

FORTALEZA – CE
2007

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialização outorgado pela Universidade Federal do Ceará - UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Maria do Socorro Coelho de Oliveira

Aprovada em: ____ / ____ / _____

Prof. Gláucia Maria de Menezes Ferreira, L. D

Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, autor de nossas vidas, força superior de inspiração e fonte de toda sabedoria.

À professora Gláucia Maria de Menezes Ferreira, coordenadora do curso de Especialização em Psicopedagogia (U.F.C.), que contribuiu para o meu sucesso no curso.

À professora Francisca de Assis Barbosa, Diretora do Colégio Guri Sênior, pela valiosa ajuda e o apoio encorajador no meu caminhar como educadora.

Às amigas: Vânia Lúcia e Maria Rosiene, que me passaram motivação, entusiasmo e que demonstraram afetividade no momento em que mais precisei.

Um agradecimento muito especial à minha filha Alânia, à Luiza Elaine, minha sobrinha e à Cida, minha amada irmã, pela força, incentivo e apoio que delas recebi.

DEDICATÓRIA

A MINHA FAMÍLIA

Santuário de amor e vida, pelo aconchego, compreensão e por respeitarem os meus silêncios, a minha ausência e a minha ansiedade em momentos difíceis na confecção deste trabalho.

AOS MEUS PAIS

Ezequiel Ferreira e Francisca Coelho, por me cederem o direito à vida.

“As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”.

Cláudio Saltini

RESUMO

O presente estudo se propõe a investigar a importância da afetividade na educação. Refletir sobre a afetividade como fator estimulante e necessário em todo desenvolvimento psicomotor. Sendo focalizada a comunicação da criança com o meio através das relações psicomotoras. Sabe-se que a afetividade é expressa pelas relações psicomotoras que tem um papel importantíssimo e vital para uma convivência saudável que possibilita uma maior interação e uma aprendizagem satisfatória. Acredita-se que não existe afetividade se não houver pareamento relacional com objetos de amor, ternura e satisfação iniciados na primeira relação: mãe – filho. Desde o momento intra-uterino, a criança sente necessidade de estar em plenitude funcional com o seu corpo e o corpo do adulto. Inicialmente sensação de prazer e segurança que a mãe proporciona nos contatos íntimos da amamentação, do banho, da troca de fraldas, vai pouco a pouco, por meio desse toque imprimindo no corpo do bebê a sensação real de segurança e tranquilidade perdidas com o nascimento, dando um novo registro para essas sensações. Diante de várias questões que podem contribuir para o desgaste da prática pedagógica – o que produz o insucesso na educação em geral – buscou-se neste trabalho, analisar também a relação professor-aluno na perspectiva de mensurar os níveis de afetividade nesse relacionamento e até que ponto isso seria um elemento facilitador da aprendizagem. São vários questionamentos surgidos a partir da observação e da própria experiência em sala de aula e do convívio com diversos alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Sabe-se que a afetividade é o elemento primordial na relação do indivíduo com o educador, reeducador ou terapeuta, relação na qual esse indivíduo deve descobrir o valor de seu corpo, suas possibilidades e limites dentro de um clima emocional favorável. Supõe-se que a escola possibilite um importante elo de ligação na relação professor-aluno; embora esteja longe de se atingir um nível ideal. Por isso mesmo faz-se necessário compreender que a criança espera do educador uma disponibilidade de empréstimo do seu corpo, como instrumento de comunicação afetiva a fim de que possa projetar simbolicamente, seus desejos e encontrar ferramentas corporais e emocionais para relacionar-se com o mundo.

Portanto, para se entrar em contato com a criança, não basta ter excelentes materiais, se o principal material que é o seu corpo (o do mestre) está em desarmonia, é desconhecido, sem interação com outro e com o que o outro pode trazer. Assim, tem-se como objetivo geral, uma avaliação constante do relacionamento mestre-aprendiz. Naturalmente, este trabalho não tem a pretensão de oferecer nenhum resultado conclusivo acerca do assunto. Espera-se tão somente que se possa contribuir para o estudo e reflexão das questões levantadas, no sentido de despertar nos pais e educadores a necessidade de melhorar as relações afetivas com seus filhos e alunos, e atingir um maior aproveitamento do processo ensino-aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE E DO MUNDO DE RELAÇÕES	11
1.1 Apresentando a afetividade	11
1.2 Educação e afetividade	18
1.3 Afetividade e família	30
2. AFETIVIDADE, RELACIONAMENTOS E COGNIÇÃO	38
2.1 A relação professor-aluno em sala de aula	38
2.2 A formação familiar como base de uma boa escolarização	43
2.3 A importância do vínculo afetivo na interação educador-educando	51
CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

2007 INTRODUÇÃO

Refletir sobre a problemática educacional é mais que recomendável; torna-se um imperativo a toda a sociedade, sobretudo aos profissionais da área. No caso específico da afetividade na relação professor-aluno, isso é vital para uma convivência saudável a qual possibilite uma maior interação e uma aprendizagem satisfatória.

A questão do relacionamento educador-educando tem sido tema de profundas discussões, tendo em vista sua importância no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, o qual encontra-se bastante ineficaz em relação ao que é proposto na teoria e ao que é aplicado na prática. Acredita-se que esse desencontro entre teoria e prática implica em evasão escolar e no desgaste da prática educativa, com um baixo rendimento na aprendizagem.

Um primeiro autor que pode-se citar como tendo questionado as teorias que tratavam a afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados foi o biólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Em um trabalho publicado a partir de um curso que ministrou na Universidade de Sorbonne (Paris) no ano acadêmico de 1953-54, "*Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant*", o autor adverte sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Ele postulou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade.

De acordo com Piaget, não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses

processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno).

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget (p. 5) é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que "a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura". Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade.

Na relação do sujeito com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e a essa energética corresponde uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget, "é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar" (ibidem.,p.10). Complementando, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo que são objeto de conhecimento, são também de afeto.

No transcorrer de seu trabalho, Piaget incorpora um outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são os valores. Ele considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim, do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.

O psicólogo Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) também tematizou as relações entre afeto e cognição, postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração.

Neste documento monográfico serão, portanto, avaliados a importância da afetividade na educação, apontando caminhos e hipóteses que prometem inovar e minimizar possíveis dificuldades de aprendizagem.

CAPITULO I

DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE E DO MUNDO DE RELAÇÕES

1.1 Apresentando a afetividade

A reflexão e o debate sobre o desenvolvimento da afetividade e do mundo de relações é uma questão vital. Visto que a qualidade de vida depende basicamente, do tipo de relacionamento que se tem com as pessoas, ou seja, um sorriso, um abraço amigo, um dedão pra cima, um “valeu cara”, um simples cumprimento, já produzem efeitos positivos para que se tenha alegria de viver e auto-estima elevada; isso se constitui num pressuposto essencial das relações humanas, em todos os instantes da vida, sobretudo em relação à educação e formação das crianças e adolescentes.

Para melhor entender as questões referentes ao estudo desta temática, buscou-se as contribuições de Papalia, Wallon, Piaget e Paulo Freire dentre outros autores que discutem a afetividade.

Desde muito cedo o padrão característico das relações emocionais de uma pessoa começa a se desenvolver e é um elemento básico da personalidade. As emoções desempenham diversas funções importantes para a sobrevivência e o bem

estar humano. Uma é comunicar a condição interna da pessoa aos outros e provocar uma resposta.

Apesar do tema central desta monografia ser a importância da afetividade no desenvolvimento humano, não se pode pensar a escola dissociada do contexto social, visto que ela é um reflexo da sociedade. Ao mesmo tempo, como instituição social, faz-se necessário envidar esforços para mudar aquilo que pode e deve ser mudado em cada comunidade; efetivando, por exemplo, Políticas Educacionais atualizadas e planejadas no sentido de humanizar o homem. Isso parece ser o que se precisa como paradigma de educação para os dias atuais, seguindo, talvez, o modelo de uma educação biocêntrica. De acordo com o pensamento de Rolando Toro, citado por Andrade (2003, p. 15-16): “La Educación Biocentrica parte de un nuevo paradigma de las Ciencias Humanas que es el “Principio Biocêntrico”. Su objetivo es la “conexión com la vida”. Su metodología es “la vivência”. La imagen del hombre propuesta por la Educación Biocentrica es la del “hombre relçacional”, el hombre ecológico, el hombre cósmico. La matéria de la educación biocentrica es la vida. Es indispensable em nuestra cultura recuperar el sentimiento de “sacralidad de la vida” y el “goce de vivir”. El desarrollo de la afetividad, de la persepcion ampliada y de la expansion de la conciencia ética, deben tener prioridad absoluta.

Este preâmbulo acerca da afetividade tem como objetivo maior contextualizar o assunto dentro de uma ampla visão de mundo, demonstrando, a priori, que a falta deste valioso ingrediente nas relações humanas, pode produzir desde pequenos entraves nas relações familiares – de ordem intra e interpessoais – até problemas de saúde, inclusive fatais, como mostra a história a seguir:

“Um rei queria saber qual a linguagem natural falada pelos seres humanos, quando não influenciados pela linguagem que falavam os outros. Então separou um grupo de crianças recém-nascidas e confinou-as em local onde tivessem os cuidados necessários à sobrevivência, mas não tivessem contato algum com outras

peessoas. Sabe o que aconteceu a essas crianças? Morreram todas, por falta de estímulos” (Shinyashiki, 1972, p. 13).

A falta de contato com outras pessoas foi apontada como a causa da morte dessas crianças, isso prova que ninguém vive sozinho; inclusive presidiários de alta periculosidade não podem ficar muito tempo isolados, a própria Lei estabelece o período máximo que eles podem permanecer na “solitária”, sem o menor contato com as pessoas. Um caso conhecido, bastante veiculado na mídia, foi o “Fernandinho Beira-mar”. Então se as pessoas privadas do direito à liberdade têm assegurado um mínimo de relacionamento, pode-se concluir que a interação é mesmo vital ao ser humano.

Esse relacionamento humano imprescindível á própria sobrevivência sê-lo-á mais significativo se nele existirem relações afetivas, algo assim tão fundamental inter-relação como o ar para a respiração. Feito esse paralelo pode-se adentrar ao assunto.

Afetividade: O que é? Para que serve? Essas indagações preliminares poderiam receber respostas com as mais diferentes conotações: para um poeta, seria o bálsamo da vida que serve para se viver plenamente; um educador/ psicólogo, diria que a afetividade é um estimulador no processo ensino-aprendizagem, servindo, dessa maneira, para melhor desenvolver a inteligência emocional, que favorece a assimilação do conhecimento e a própria formação humana, visto que o emocional permeia todas as inteligências.

“Basicamente, a afetividade é o interesse por uma pessoa, coisa ou animal: é isto que se chama ‘querer bem a...’ Todo interesse – como toda conduta – tem dois aspectos fundamentais: a) o aspecto intelectual, que consiste em ‘conhecer’ o ‘objeto’ e b) o aspecto afetivo que consiste no ‘ grau’ (tonicidade) de interesse (uma pessoa ou coisa pode representar ‘mais’ pela pessoa que representa maior interesse).

[...] para que se estabeleça afetividade entre duas pessoas, por exemplo, é preciso que o grau de interesse suscitado seja de tal nível que sustente o processo de ‘conhecer’ esta pessoa. O grau de interesse, pois, pode ser tão pequeno que a relação afetiva não vá muito longe” (Lima, 1980, p.68).

Qualquer outro profissional poderia incluir um ou outro termo mais utilizado em sua área de atuação, porém haveria de seguir uma orientação comum de algo que é imprescindível nas relações humanas para uma convivência saudável, seja no meio familiar, na escola ou no trabalho – em quaisquer situações – um carinho sempre é bem vindo, um afeto estimula a vida; como ficou muito bem ilustrado através da atitude daquele rei citada anteriormente, impedindo que as crianças recebessem qualquer afeto; a falta de afetividade pode causar vários problemas no desenvolvimento neurológico de uma criança...

Para conceituar o termo, de forma mais direta, atribuindo-lhe um significado, pode-se recorrer a vários dicionários. Consta no Dicionário Aurélio – uma das mais conhecidas obras do gênero – que afetividade, “é o mesmo que afetivo, relativo a afeto. Que tem ou em que há afeto; afetuoso. [Antôn.: seco, áspero.] (Ferreira, 2001,p.27).

Em quaisquer outros dicionários encontram-se termos correlatos, como emotivo, sentimental, etc. Todos estes termos são sinônimos de uma outra palavra muito especial, que pode ser considerada a matriz da própria vida, que é a palavra “amor”.

Amor incondicional, terreno fértil para a afetividade entre as pessoas, conforme diz Shinyashiki, (1972, p.12): “ou aprendemos a nos tratar bem - a nos acariciar – ou nos destruiremos”. Ninguém duvida da necessidade de amarmos uns aos outros... Entretanto as guerras, brigas, intrigas e todas as formas de desamor são práticas constantes em toda história da humanidade. Muitas vezes por motivos

infundados, por pura arrogância, por falta de diálogo, como no recente caso da guerra do Iraque. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 1989, p.78).

Tem-se, assim, um fato verdadeiro, que salta aos olhos e pode ser comprovado, dessa maneira, dois aspectos, que por si só, já justificariam uma preocupação permanente em debater questões desse tipo: verdades cristalinas, como a importância da afetividade e do amor, e a negligência do homem em praticar tais imperativos da vida a contento. Nesse contexto, se incluiria o pensamento freiriano da educação dialógica como pressuposto das relações afetivas que contribuiriam para um melhor relacionamento entre as pessoas, e, por conseguinte, entre os países.

A inter-relação, que constitui o objeto maior desta monografia, enquanto contexto das relações sociais, analisando o aspecto da afetividade de forma mais abrangente, numa visão global da formação humana, e, de forma mais detalhada, no tocante à relação professor/aluno, a qual se configura como elemento primordial na socialização do homem através da educação. “Para Piaget apud Kullok (2002. p. 58), todo processo de desenvolvimento inerente ao ser humano passa pela dimensão social e envolve cognição, afeto e moral. Sua teoria, portanto, vem esclarecer e fortalecer mais ainda o foco central desta minha temática, caracterizada positiva ou negativamente, pelas intenções afetivas que por ela perpassam”.

Educação entendida de forma abrangente, sob um conceito amplo de compromisso ético-social do educador, priorizando todo um processo de formação humana que favoreça o desenvolvimento integral da criança, contemplando, assim, o pensamento que aqui, serve de suporte teórico; contrariando a atitude daquele do rei, ao impedir o contato das crianças com outras pessoas. “Esses fatos mostram que nos convertemos em seres humanos completos, graças aos nossos contatos com gerações mais velhas de adultos”, diz Sandström, (1967, p.193). Tais crianças, seres sociais, naturalmente, precisariam desse contato com pessoas adultas que lhes transmitissem

segurança através de gestos de amor e carinho. Nisso fica implícita a, chamada responsabilidade social, na formação de novas gerações, para convertê-las em seres humanos completos e em cidadãos ativos e participantes como prevê a Constituição Brasileira, no seu Art. 205:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Assim sendo, a educação compreende toda modalidade de influência e inter-relações que convergem para a formação de traços da personalidade e do caráter dos educandos, marcados por uma concepção de mundo, da humanização do homem e da sua própria inserção social.

“Poder-se dizer, com Gordon Allport, que a mais importante missão da Psicologia do Desenvolvimento é esclarecer o processo de transformação de uma criança associal num adulto com opiniões, gostos, deveres e interesses organizados, e com capacidade para ocupar o seu lugar numa sociedade complexa.” (Sandström, 1967, p.197).

Dessa maneira, pode-se inferir que todo desenvolvimento humano será diretamente proporcional à sua evolução emocional, a uma afetividade bem resolvida. Isto é, a afirmação do homem na sociedade, seu equilíbrio nas ações do cotidiano, tem tudo a ver com uma resolução interna do próprio sentimento, reflexo de suas relações intra e interpessoais, as quais determinam as atitudes diferentes de pessoa para pessoa, ou seja, alguém tem comportamento diferenciado numa situação, aparentemente simples; que pode a princípio, não ser entendido (a), mas tem uma razão... Faz-se necessário que haja mais observações e estudos para entender melhor toda a complexidade das relações humanas. Segundo Wallon apud Cavalcante (2001, p.45):

“Há um equívoco quando se tratam emoção e afetividade como sinônimos. Para ele a afetividade é mais abrangente e se manifesta de diversos aspectos. As emoções são manifestações da vida afetiva, assim como os sentimentos e os desejos. As emoções vêm acompanhadas de alterações orgânicas, variações no funcionamento neurovegetativo facilmente perceptíveis, diferentes das manifestações afetivas que necessariamente não apresentam alterações corporais claras e podem valer-se do recurso da fala e da representação mental. Elas podem ser provocadas por situações abstradas e idéias expressas por palavras.”

Em tais observações e estudos a Psicologia do Desenvolvimento tem como explicar várias situações: Por que alguém chora com mais facilidade em algumas ocasiões? Por que há pessoas que se resolvem melhor na vida? Qual a razão de uma timidez? Questões assim, que inquietam estudiosos, podem ter relações estreitas com uma afetividade mal resolvida.

“A dimensão afetiva, que é de fundamental importância para Wallon, seja do ponto de vista da dimensão da pessoa como do ponto de vista do conhecimento, sendo, portanto, marcante para o desenvolvimento da espécie humana que se manifesta a partir do nascimento e estende-se pelo primeiro ano de vida da criança. Wallon explica que a criança normal, quando já está se relacionando bem com o seu meio ambiente em manifestações afetivas para que assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal.” (Dantas apud Kullok, 2002, p.55).

Naturalmente, passado mais um século, estudos mais aprofundados e atualizados mostram a veracidade do pensamento darwiano, fazendo-se cada vez mais presente a contribuição da afetividade na evolução da espécie humana.

1.2 Educação e afetividade

Não se pode pensar em educação sem pensar em afetividade, e tanto que normalmente o papel do educador foi considerado pertinente à mulher, que se acredita ser mais carinhosa.

No dia a dia nota-se cada vez mais que professores, pais e educadores percebem a importância dos laços afetivos no processo de educação.

Também no campo científico, muitas pesquisas caminham na direção de entender de que forma a afetividade se relaciona com a educação.

Wallon, um educador e médico francês, que viveu de 1789 a 1962, deixou uma enorme contribuição neste sentido, e que hoje está sendo redescoberta pelos educadores.

Wallon apud La Taille (1992) atribuiu à emoção – que como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva – um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano. Quando nasce uma criança, todo contato estabelecido com as pessoas que cuidam dela, são feitos via emoção. Entende-se por emoção formas corporais de expressar o estado de espírito da pessoa, manifestações físicas, alterações orgânicas, como: frio na barriga, secura na boca, choro, etc.

O livro dos Espíritos, na questão 384, refere-se a isto: “Por que os primeiros gritos da criança são de choro? Para excitar o interesse da mãe e provocar os cuidados necessários. Não compreendes que se ela só tivesse gritos de alegria, quando ainda não sabe falar, pouco se inquietariam com as suas necessidades?”

Wallon destaca o caráter social da criança neste sentido, pois se não houvesse a atenção do adulto nessa fase inicial de sua vida, a criança morreria. O recém-nascido não tem ainda outras formas de se comunicar com o outro, que não seja a emoção, esta sim, forma eficiente de comunicação; e que funciona em mão dupla. A comunicação com o bebê acredita-se que é emocional, corporal. É comum se dizer que não é fácil enganar uma criança. Isto porque ela “lê” no corpo, mais que nas palavras. Podem-se dizer coisas bonitas a uma pessoa, mas o corpo pode estar mandando uma mensagem de repulsa. É esta mensagem que a criança percebe, pois ainda não desenvolveu, a contento, as comunicações verbais, racionais, que nós adultos, usamos primordialmente, quase nos esquecendo destas outras formas de comunicação.

Segundo Wallon, quando, em alguma situação da vida, há o predomínio da função cognitiva, está voltado para a construção do real, como quando se classificam objetos, se faz operações matemáticas, definimos conceitos, etc. Quando há o predomínio da função afetiva, neste momento fica-se voltado para você mesmo, fazendo uma elaboração do EU. É só lembrar das suas experiências carregadas de emoção, como por exemplo, o nascimento de um filho, a perda de um ente querido, ou algo assim. No impacto da emoção, nossa preocupação é a construção que fazemos de um novo eu, a mulher que se transforma mãe, o esposo que se torna viúvo...

No caso da criança, o choro inicial, o desconforto das cólicas, do frio ou do calor demasiado, a exploração do próprio corpo, representam a construção do eu, nesse primeiro momento, corporal. Mais para frente, graças a exploração dos objetos, e da linguagem, vai construindo seu eu psíquico. Todo processo de educação significa também a constituição de um sujeito. A criança, seja em casa, na escola, na evangelização, em todo lugar; está se constituindo como ser humano através de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento. A construção do real vai acontecendo, através de informações e desafios sobre as coisas do mundo, mas o aspecto afetivo nesta construção continua muito presente.

Constituir-se como sujeito não se trata apenas recuperar sua bagagem, trazida de experiências anteriores, de outras vidas, mas também de “reformatar seu caráter” se for o caso. “Os Espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a debilidade dos primeiros anos os torna flexíveis; acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. É então que se pode reformatar o seu caráter e reprimir as más tendências”. (O Livro dos Espíritos, p. 385).

Se os adultos tivessem a consciência do quão importante são estes momentos para a criança em formação, com certeza repensariam sobre muitas de suas ações cotidianas.

Conforme a criança vai crescendo, as crises emotivas vão se reduzindo – ataques de choro, birras, surtos de alegria, cenas tão comuns na infância – vão sendo melhores controladas pela razão, num trabalho de desenvolvimento da pessoa. Questão essa abordada por Kardec, na pergunta 380, cuja resposta dos Espíritos vem nos esclarecer:

“Enquanto criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não possam dar-lhe toda a intuição de um adulto; sua inteligência, com efeito, é bastante limitada, até que a idade lhe amadureça a razão.”

Heloyza Dantas diz em seu livro, *A Infância da Razão*, seguindo a teoria de Wallon, que “a razão nasce da emoção e vive de sua morte”. No início da vida, a emoção predomina. Conforme a criança vai desenvolvendo-se, as emoções vão sendo subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores, da razão. E por toda a vida, razão e emoção vão se alternando, numa relação de filiação, e ao mesmo tempo de posição.

Enquanto não se der atenção a esse fator afetivo na relação educador-educando, corre-se o risco de estarmos só trabalhando com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o trabalho da constituição do próprio sujeito – que envolve valores e o próprio caráter – necessário para o seu desenvolvimento integral, como homem e como Espírito imortal. A afetividade é fator estimulante e necessário em todo desenvolvimento psicomotor e a primeira comunicação da criança com o meio é psicomotora, pelo movimento, devendo essa permanecer na vida do indivíduo. Como citam Lapierre & Aucouturier (1986), “Só existimos no sentido existencial na medida em que temos a possibilidade de comunicar com os seres e as coisas que nos cercam, isto é, de um lado estabelecer relações significantes com o nosso corpo, suas sensações e suas produções, e de outro com o que é exterior a ele”.

Essa relação só é possível se houver troca entre dois ou mais participantes na relação. Se o adulto se dispõe também corporalmente, interagindo no jogo corporal, sendo parceiro no jogo simbólico, encontra na relação a troca e o prazer pela afetividade.

E para que haja troca é necessário que os dois corpos ajam e se cooporem corporalmente. A iniciação dessa troca se dá pelo objeto, depois passa a ser troca complementar para chegar à troca de reciprocidade, como citam Lapierre & Aucouturier (1986), e o principal material de expressão é o seu corpo. O encontro da afetividade no contato tônico entre adulto/ criança ou adulto/ adulto faz com que o jogo corporal seja coberto de espontaneidade e, conseqüentemente, as criações dos movimentos corporais e com o objeto aconteçam sem grande esforço.

Piaget (1986) coloca que existe um estreito paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e das funções intelectuais, e que nenhum ato é puramente intelectual nem puramente afetivo, mas que sempre e em todas as partes, tanto nas condutas relativas aos objetos como nas relativas às pessoas, ambos os elementos intervêm porque um supõe o outro.

A afetividade tem um papel importantíssimo no desenvolvimento da criança. Não existe afetividade se não houver pareamento relacional com objetos de amor, ternura e satisfação iniciada na primeira relação: mãe-filho.

Desde o momento intra-uterino, a criança sente necessidade de estar em plenitude fusional com o seu corpo todo e o corpo do adulto. Inicialmente, a sensação de prazer e segurança que a mãe proporciona nos contatos íntimos da amamentação, do banho, da troca de fraldas vai pouco a pouco, por meio desse toque, imprimindo no corpo do bebê a sensação real de segurança e tranqüilidade perdidas com o nascimento, dando um novo registro para essas sensações. Junto com essa impressão, “abre-se” a grande possibilidade de a criança perceber que cabe a ela buscar as futuras sensações prazerosas semelhantes, impedindo-a de manter por muito tempo a sensação de perda e facilitando a percepção de que frustrações são necessárias para as conquistas serem valorizadas e comemoradas.

Toda essa comunicação fusional servirá de base para qualquer acordo que fará de respeito recíproco ao movimento do outro, a ação de outro e mais tarde ao pensamento do outro.

Wallon (1995) dá afetividade um valor funcional. Para ele a afetividade “é o resultado de sensações agradáveis e desagradáveis de sentimento de amor e ódio, que determinam a conduta postural e dão ao corpo sua expressão”. A criança imitará ou rechaçará cada conduta nova pelo desejo de identificação com a pessoa que ama. O corpo é, então, o lugar das impressões e das expressões da afetividade. O prazer e o ódio não são mais que o resultado de sensações que afetam a conduta e modificam a atitude do corpo. A afetividade também é o elemento primordial na relação do indivíduo com o educador, reeducador ou terapeuta, relação na qual esse indivíduo deve descobrir o valor de seu corpo, suas possibilidades e limites dentro de um clima emocional favorável. E para que isso ocorra, Lapierre &

Aucouturier (1986) comentam que a criança espera do educador uma disponibilidade de empréstimo de seu corpo a fim de que possa projetar simbolicamente seus desejos e encontrar ferramentas corporais e emocionais para relacionar-se com o mundo.

Portanto, para se entrar em contato com a criança, não basta ter excelentes materiais se o principal material que é o seu corpo (o do educador) está em desarmonia, é desconhecido, sem interação com o outro e com o que o outro pode trazer.

É imprescindível ver o aluno como ser individual pensante que constrói o seu mundo, espaço e conhecimento com sua afetividade, sua percepção, sua expressão, sua crítica, sua imaginação, seus sentidos...

A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino-aprendizagem considerando uma vez, que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. Devem dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais.

É importante destacar que a afetividade não se dá somente por contato físico; discutir a capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço e motivá-lo sempre, constituem formas cognitivas de ligação afetiva, mesmo mantendo-se o contato corporal como manifestação de carinho.

Mediante observações feitas em sala de aula, nota-se que o fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para o melhor rendimento escolar.

A afetividade é pressuposto básico para construção dos conhecimentos cognitivo-afetivo. A relação entre a afetividade, desenvolvimento cognitivo e

avaliação do rendimento escolar são eficazes. A afetividade quando mal resolvida inibe as estruturas cognitivas.

A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Segundo caracterização do Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade significa conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Compreende-se então que afetividade e inteligência são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. A afetividade é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. No ambiente escolar é além de dar carinho, é aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele, dando abertura para sua expressão. Carinho faz parte da trajetória, é apenas o começo do caminho.

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar credibilidade as suas opiniões, valorizar sugestões, observar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando mútuas conversas. “As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”. Compreendemos a afetividade como substância que nutre estas ações e não um puro ato de “melosidade”. (Almeida, 1999. p. 13)

Para Jean Piaget (1992), é irrefutável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas, também não é suficiente.

Ainda, define a afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não-rationais (razão), sendo o afeto um elemento indiferenciado do domínio da afetividade. Percebe-se que afetividade influi na construção do conhecimento de forma essencial através da pulsão de vida e de busca pela excelência.

Piaget dedicou-se exclusivamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo, especificamente, à gênese da inteligência e da lógica. Como efeito dos seus estudos concluiu a existência de quatro estágios ou fases do desenvolvimento da inteligência. Em cada estágio há características privativas pelas quais a criança constrói o seu conhecimento.

Sensório motor (ou prático) 0 – 2 anos: trabalho mental: estabelecer relações entre as ações e as modificações que elas provocam no ambiente físico; exercício dos reflexos; manipulação do mundo por meio da ação. Ao final, constância/permanência do objeto.

Pré-operatório (ou intuitivo) 2 – 6 anos: desenvolvimento da capacidade simbólica (símbolos mentais: imagens e palavras que representam objetos ausentes); explosão lingüística; características do pensamento (egocentrismo, intuição, variância); pensamento dependente das ações externas.

Operatório-concreto 7 – 11 anos: capacidade de ação interna: operação. Características da operação: reversibilidade/ invariância – conservação (quantidade, constância, peso, volume); descentração/ capacidade de seriação/ capacidade de classificação.

Operacional-formal (abstrato) – 11 anos... A operação se realiza através da linguagem (conceitos). O raciocínio é hipotético-dedutivo (levantamento de hipóteses; realização de deduções).

Essa capacidade de sair-se bem com as palavras e essa independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência da filosofia.

As relações entre afetividade e inteligência podem ser vistas de duas maneiras diferentes. O apogeu da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais.

Analisando a duplicidade desta relação inteligência e afeto, pode-se requerer que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas. O estudo do dualismo nestas relações para muitos autores é muito interessante. O esquema do objeto permanente – as descobertas que o bebê faz sobre a permanência do objeto quando ele some do seu campo visual – é causado por sentimento, por relações objetais, afirma Charles Odier (1972) em seu estudo criterioso das relações entre psicanálise em psicologia infantil. Desta forma, compreendemos as relações afetivas da criança com o objeto ou pessoa envolta. Por conseguinte, as relações afetivas da criança com o objeto-mãe, ou ainda outras pessoas, respondem pela formação das estruturas cognitivas.

O psicanalista Sigmund Freud afirmava que os dados adquiridos pela psicanálise têm conseqüências úteis para o atendimento das relações inter-humanas, principalmente ao apresentar que o objeto de relação é um objeto individual construído pelo mundo interno extraordinário (imaginário) variando com nossos investimentos e em função de nossa história e de nossos estados afetivos (Golse, 1998).

Henri Wallon traz a dimensão afetiva como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética. Apresenta a distinção entre afetividade e emoção. Galvão (1999) busca o olhar para esta controvérsia na obra de Wallon: “As emoções, assim como sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos

como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade, é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.” (p.61)

Wallon, não separou o aspecto cognitivo do afetivo. Seus trabalhos dedicam grande abertura às emoções como constituição intermediária entre o corpo, sua fisiologia, seus reflexos e as condutas psíquicas de adaptação. A atuação está intimamente ligada ao movimento, e as posturas são as primeiras figuras de expressão e comunicação que servirão de base ao pensamento concebido, antes de tudo, como uma das formas de ação.

Para ele, o movimento é a base do pensamento. É a primogênita forma de integração com o exterior e a emoção é a fonte do conhecimento. Um estudioso de Wallon, Malrieux (1992), chega até a dizer que a consideração ou a percepção de distância, é devida a vontade de alcançar objetos distantes, e não à própria distância dos objetos.

Ainda, pode-se interpretar que o afeto esclarece a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade, retardamento quando a situação afetiva é uma barreira para o desenvolvimento intelectual. Nessa interpretação, a afetividade esclarece a aceleração ou retardamento, mas não a origem da formação da estrutura. Embora seja uma condição necessária, a afetividade não é suficiente, como já vimos, na formação da estrutura, que a cognição, acontece de forma autônoma. Considerando primeiro que a afetividade antecede as funções de estruturas cognitivas, pode-se compreender que os estágios da afetividade correspondem detalhadamente aos estágios de desenvolvimento das estruturas: ou seja, são correspondentes e não sucessivos.

(...) O estudioso Vygotsky apud La Taille, (1992. p. 11), considerou e propôs a construção de uma nova psicologia, fundamentada no materialismo histórico e dialético. Aprofundou seus estudos sobre o funcionamento dos aspectos cognitivos,

mais precisamente as funções mentais e a consciência. Vygotsky usa o termo função mental para referir-se a processos como: pensamento, memória, percepção e atenção. A organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e intelecto. Conforme La Taille (1992, p.76), Vygotsky explica que o pensamento tem sua origem no campo da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Neste campo estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. Apesar de a questão da afetividade não receber aprofundamento em sua teoria, Vygotsky evidencia a necessidade das conexões entre as extensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano, submetendo uma abordagem concomitante das referidas extensões.

Para Vygotsky o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico. O sócio-histórico, não representa o coletivo, na acepção de impor sobre o indivíduo, e sim, como processo em que todo o mundo cultural expõe-se ao sujeito como “o outro”. O “outro” com quem ele se compara é referência externa que permite ao homem compor-se como ser humano. Este processo de interiorização do material cultural define os limites e possibilidades da construção pessoal. Este processo permite a constituição do ser autenticamente humano: na ausência do outro, o homem não se constrói.

“Segundo Vygotsky apud Ribeiro, (1996, p.37), o ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social. O ser humano é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural sua noção de cérebro pressupõe um sistema aberto, de grande plasticidade. Sua estrutura e seu modo de funcionamento são construídos ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual e, nesse processo, a linguagem ocupa um espaço importante em que a cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade”.

A teoria de Vygotsky possui a lei da dupla formação, que consiste em dizer que toda função psicológica humana apareceu duas vezes, uma vez em nível social (entre indivíduos), ou seja, interpsicológico, (e outra vez em nível individual interno ao indivíduo), ou seja, intrapsicológico. Nesse processo de passagem da função psicológica de interpessoal para intrapessoal se dá o processo de internalização. Na interação entre aprendizado e desenvolvimento encontra-se a Zona de Desenvolvimento Proximal que é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

“A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadurecem, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embriatório. Essas funções poderiam ser chamadas do ‘brotos’ ou “flores” do desenvolvimento”. (VYGOTSKY, apud Oliveira, 1993, p.60)

O nível de Desenvolvimento Real é o responsável pelas funções mentais da criança que se instruíram como consequência de certos ciclos de desenvolvimentos já completados. É na Zona de Desenvolvimento Proximal que a intervenção de outros indivíduos é intensa e transformante. Se o aprendizado estimula o desenvolvimento, então cabe a escola um papel indispensável na arte de construir os seres psicológicos amadurecido, adultos.

A intensificação das relações entre professor-aluno, os aspectos afetivos, a dinâmica das manifestações da sala de aula e formas de comunicação devem ser caracterizadas como pressupostos básicos para o processo da construção organizativa do trabalho do professor. Compreende-se então que afetividade e

inteligência, por conseguinte, são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização.

Enquanto o indivíduo se desenvolve no seu espaço social e cultural afasta-se de uma submissão aprendendo a transferir suas motivações para outros objetos e situações, ao mesmo tempo que condiciona, afetividade, suas relações vivenciais.

Afetividade no ambiente escolar é se preocupar com os alunos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferência e desejos nem sempre iguais ao do professor. Concebe-se então, a afetividade, assim como o conhecimento construído através da vivência.

1.3 Afetividade e família

A família é um lugar de convívio dos seus membros naturais: pais, filhos, parentes e amigos, ligados entre si por um sentimento maior, o amor-doação e aceitação mútua, possibilitando o ideal de vida em comum. Por isso, não se pode nunca esquecer a imagem dos pais e daqueles que cuidaram da vida, desde a sua origem em família, instituição fundamental de qualquer sociedade.

O relacionamento afetivo é essencial para o convívio das pessoas de um mesmo lar, de uma mesma família, sobretudo as crianças e os adolescentes que se preparam para uma vida madura, a fim de construir uma sociedade bem realizada e feliz. Aliás, a realização e a maturidade de uma pessoa começam na concepção da própria vida, que é o primeiro dom de Deus-Criador. Portanto, ninguém é dono da

própria vida; e aqueles que têm o ideal ou a vocação do matrimônio devem estimar e amar a própria vida, preparando-se mais e mais para gerar vidas saudáveis e harmoniosas para um convívio sempre agradável para todos.

Cada família tem uma caminhada e uma história de amor e de convívio, com momentos mais ou menos felizes, dependendo da participação dos seus membros no relacionamento de carinho, afeto e amor... Onde existe amor e respeito, carinho e delicadezas entre pais e filhos, entre irmãos e parentes, entre professores e alunos, entre pessoas de uma comunidade, ali existe um lar, uma escola, uma família alegre e harmoniosa.

Apesar de tantas distorções na identificação dos diversos tipos de família, não se pode relegar ao esquecimento a original fonte e fundamento de qualquer família: pai, mãe e filhos: os tempos mudam, mas a identidade própria da família permanece, pois assim exigem as pessoas realmente harmoniosas.

Guidano (2003) em a proposta de desenvolvimento da personalidade no Entoque Cognitivo Processual Sistêmico considera como elemento central à relação vincular estabelecida entre o/ a criador/ criadora e o bebê. Esta relação é característica do sistema de família.

A família, como primeiro grupo social, é o ponto de partida para qualquer análise da sociedade. Em se tratando de afetividade, estudos comprovam sua importância desde a gestação; os carinhos, as conversas mantidas com o bebê são muito significativas para um melhor desenvolvimento psicológico da criança. “Independentemente de sabermos se o embrião está realmente capacitado a experimentar alguma sensação, como a de prazer ou desagrado, o fato é que ele reage de um modo que os organismos se esforçam por seguir durante toda a vida esse desenvolvimento, isto é, evitar as experiências desagradáveis e solicitar as agradáveis.” (Sandstrom, 1967, p.89).

Dessa maneira, fica claro que mesmo antes do nascimento do ser humano, o afeto já é fundamental e sê-lo-á por toda sua vida. Desde a primeira fase de sua infância, os primeiros contatos com a mãe e com as pessoas mais próximas, serão determinantes na vida desse novo ser. Está aí o começo de toda a sua construção afetiva, tudo ficará registrado e será motivo, positivo ou negativo, em seu desenvolvimento. Isso é tão relevante para a formação da criança, para a construção do seu equilíbrio emocional – tão necessário na vida adulta – que apropria vida familiar, não por acaso, se encarrega de fazer com que, na quase totalidade dos primeiros meses de vida e na maior parte do tempo, de 0 a 6 anos, as crianças fiquem em contato com a mãe ou babá, tendo em vista o maior envolvimento afetivo da mulher com o bebê.

“A maternidade é um encargo vitalício para as mulheres, porque há laços afetivos, interesses político-conômicos relacionados à decência e necessidade de integrar o imaturo a sociedade pelo disciplinamento das tendências naturais denominadas socialização.” (Castro, 2003, p.81)

Esta informação no que concerne à afetividade vem sublimar a nobre e difícil tarefa de ser mãe. Esse maior desenvolvimento afetivo no sexo feminino, cientificamente comprovado, é naturalmente observado, inclusive entre a maioria dos animais irracionais, sobretudo nos mamíferos. Um outro aspecto, vale salientar, no tocante à afetividade feminina, é que vem satisfazer as duas correntes da origem da humanidade: na teoria criacionista seria a perfeição e sabedoria da obra de Deus; para a teoria da evolução, mero condicionamento genético, cientificamente explicável.

Em uma das teorias ou em ambas, as conclusões inerentes à afetividade que se pode destacar é a evidente necessidade, de modo especial do ser imaturo, desses laços afetivos vividos na família, sobretudo, por parte das mães. “Essa relação seria o principal fator que intervém na construção de quatro elementos básicos de nossa

personalidade: a identidade, a atitude em relação a si mesmo, a conduta interpessoal e a atitude em relação ao mundo (Guajardo, 2003, p.60).

Em síntese, pode-se dizer que estes quatro elementos definem tudo o que é uma pessoa: a identificação mútua entre a criança e a mãe, ou ainda entre o (a) cuidador (a) e o bebê. Nessa relação vincular se concentra todo um desenvolvimento emocional e da própria personalidade que leva a criança a se perceber, inclusive, as partes de seu corpo, num processo natural que deve evoluir de acordo com os estímulos proporcionados pelos que a cercam e daí resulta a conduta interpessoal, a qual contribui para determinar as primeiras impressões em relação ao mundo.

Nos últimos anos, as condições sócio-econômicas de grande parte das mães estão propiciando uma situação preocupante para as novas gerações: a ausência dos laços afetivos. Cada vez é mais comum a criança, ainda um ser imaturo, inexperiente e dependente, em pleno processo de desenvolvimento comportamental, é um livro aberto, no qual serão impressas todas as experiências positivas e negativas.

A criança precisa, portanto, de um referencial, de uma estrutura que lhe proporcione segurança necessária para correr os riscos que a vida reserva. Tornando-a corajosa o suficiente para erguer-se (depois de uma grande desilusão ou coisa semelhante) e tentar, mais uma vez com maturidade, responsabilidade e comprometimento com seus ideais, superar todas as dificuldades. É, no entanto, de extrema importância ressaltar que apesar desse apoio, em nem um momento deve-se subjugar as opiniões e os ideais (mesmo que estejam inacabados) do ser em formação. Mas, sim lhe dar um porto seguro. Sandstrom (1967, p.89) explica que “As relações recíprocas com outras pessoas atingem um amálgama intrincado de conduta aprendida, que aprendemos desde os primórdios da infância e daí em diante. As nossas reações emocionais em diversas situações dependem do que a situação implica para nós, e o significado da mesma é sempre aprendido praticamente.”

Exatamente, nessas relações recíprocas que acontecem em todos os momentos da vida, deve se desenvolver afetividade, nas inter-relações entre dois ou mais participantes, interagindo no jogo corporal, de forma que se estabeleça nessa ação uma cooperação satisfatória e espontânea que se reveste de prazer e satisfação. Faz-se necessário salientar que dessa troca saudável entre adulto e criança resultará a sua segurança futura em suas atitudes e em suas decisões. Todas as ações e reações têm uma relação intrínseca com uma maior ou menor troca de afetos, no jogo corporal e no jogo simbólico. Nesse processo de desenvolvimento de insere, inclusive, o grau de sensibilidade de uma criança, inclusive, o desempenho de sua sexualidade. Pode-se inferir, portanto, que o ser humano, em toda sua estrutura comportamental e emocional, é produto do meio em que vive, de suas relações nesse ambiente.

“Parece ser possível falarmos, nesse ponto, de uma impressão comportamental que não pode ser apagada. (...) duas meninas da Índia, Amala e Kamola, que foram encontradas no covil de um lobo. Uma série de comportamentos incomuns foi observada em tais crianças, (...) semelhantes aos animais entre os quais viviam. Os sentidos, a visão, a audição e o olfato são altamente desenvolvidos; a capacidade para ver de noite é notável. A vida emocional não está desenvolvida; podem manifestar grande raiva e impaciência, mas não reagem com riso ou choro, quando tais reações seriam naturais” (Sandstrom, 1967, p.193).

Nesse momento parece importante que se faça uma reflexão acerca do comportamento de muitas crianças e adolescentes em sala de aula. Determinados casos mostram comportamentos semelhantes aos selvagens. Nas comunidades próximas e na sociedade em geral, infelizmente, são cada vez mais comuns exemplos de comportamentos absolutamente anti-sociais. Parta compreender isso e encontrarem saídas, questiona-se: por que, em pleno terceiro milênio da civilização humana, o homem ainda apresenta comportamentos irracionais?

É sabidamente de domínio público a vulnerabilidade da instituição familiar. Estudos mostram a crescente incidência de relacionamentos desfeitos e o clima de fragilidade em muitos que se mantêm. Mesmo sem o respaldo de uma pesquisa científica para aferir um resultado, pode-se afirmar por experimentação e observação de casos semelhantes, o quanto isso é determinante na personalidade das crianças.

Na vida moderna, o excesso de atividade na qual a mulher está inserida, o trabalho dentro e fora de casa, o stress do cotidiano tornam cada vez menor o contato com os filhos e, por conseguinte, menos oportunidades de relações afetuosas. Dessa maneira, as crianças vão crescendo com uma forte carência afetiva, vítimas da própria sociedade, que logo depois sofrerá as conseqüências por sua própria negligência.

A falta de afetividade, adicionada a toda problemática sócio-econômica, sem dúvida, interfere na preparação do homem e será fundamental para enfrentar e superar as dificuldades que a vida lhe oferecer; determinará suas decisões e comportamento futuros, conforme a imagem construída no seio familiar. Tem-se, nesse contexto precário de afetividade a confirmação de que o homem é, realmente, um ser de relações, de onde se pode depreender o seguinte silogismo: se essas relações são socialmente corretas e humanamente satisfatórias o homem não será verdadeiramente um ser humano.

“Se a imagem do mundo e das pessoas é negativa, a autonomia e a busca externa de informação serão limitadas pelo temor da criança de fazer exploração em um mundo perigoso; ao contrário, se a imagem construída é positiva, a conduta de exploração será estimulada e a criança demonstrará confiança em seus deslocamentos. Esse jogo de coordenações emocionais e a repetição no tempo de padrões similares de entre a criança e sua figura vincular estabelecerão certas experiências afetivas prototípicas da relação com outros e com o ambiente” (Guajardo, 2003, p.60).

Com certeza, se está vivendo um momento difícil nas relações interpessoais, começando pela base familiar, que às vezes negligencia seu papel precursor da educação, noutras vezes, deixa-se levar pelas contingências da vida atribulada. Na luta pela sobrevivência, impede-se essa família de exercer a contento sua função primordial de educar seus filhos, seguindo princípios de amor ao próximo e respeito, além de responsabilidade consigo mesmo e com o outro, para que possa acontecer uma convivência saudável. Quando não há essa preparação familiar para a vida, a convivência escolar, como segundo grupo social e, em outros segmentos da sociedade, será extremamente prejudicada, sendo, por isso mesmo, considerada como um dos pilares da educação, na Conferência de Jontiem, em 1990, a necessidade do aprender a viver junto.

Portanto, a família é, de fato, a célula mater da sociedade. Como base de toda a estrutura social e núcleo das relações humanas, é o ambiente, por excelência, indicado para constituir um projeto de pessoa, um ser social ou associal, um cidadão formado dentro dos valores fundamentais do amor e da justiça ou, pelo contrário, um indivíduo que, pela falta desses princípios básicos, posteriormente venha a ser um problema social. “A sociedade influencia a vida da família. [...] Contudo, a família ou a ausência dela, é a realidade mais determinante e decisiva para a vida de qualquer pessoa e de toda a sociedade. Nada se estrutura socialmente sem antes ter passado pela experiência interpessoal e familiar. É na família, pelo seu ambiente de amor afetivo, onde se aprende aquelas atitudes e valores fundamentais que vão se estruturar socialmente. Não há pessoa bem formada sem uma boa família; não há boa família sem pessoas bem formadas; não há uma boa família sem uma boa sociedade; não há uma boa sociedade sem uma boa família” (Conte, 2000, p.14).

Para fechar este tópico sobre afetividade na família, pode-se ressaltar o paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e intelectual, em que um desses elementos pressupõe o outro para que haja um desenvolvimento integral do ser

humano. Nesse aspecto, além de perceber a importância de uma relação afetuosa entre adulto e criança e vice-versa, é fundamental, se ressaltar, mais uma vez, o papel de mãe e/ou das pessoas mais próximas na formação de uma criança, para se evitar, as relações agressivas e até violentas nos lares e nas relações interpessoais de um modo geral. A família deve ser educadora da Dignade Humana e da paz.

Na carta do Apóstolo Paulo aos Efésios (6, 1) temos um bom conselho para o convívio familiar: “Filhos, obedeei a vossos pais segundo o Senhor, porque isto é justo. O primeiro mandamento acompanhado de uma promessa é: Honra teu pai e tua mãe, para que sejas feliz e tenhas longa vida sobre a terra.” Esta afetividade dos filhos depende do carinho e do afeto dos pais entre si e para com os filhos igualmente.

CAPÍTULO II

AFETIVIDADE, RELACIONAMENTOS E COGNIÇÃO

2.1 A relação professor-aluno em sala de aula

As diferenças afetivas entre professores são, provavelmente, mais importantes na determinação do sucesso do que as diferenças cognitivas.

KLAUSMEIR

Este capítulo contempla a essência do presente trabalho e, pretende abordar questões pertinentes à prática pedagógica, em seu cotidiano da sala de aula numa análise do relacionamento professor-aluno, propiciando uma investigação radical, portanto filosófica, dos porquês de sucessos e insucessos nessa nobre tarefa. Dessa forma, serão analisados parâmetros qualitativos e quantitativos de educação para dimensionar, na prática, a importância da afetividade na relação ensino-aprendizagem, bem como os cuidados em estabelecer limites nessa relação.

Através da própria experiência de vida, observação no convívio escolar, seja como estudante, seja como professor(a), qualquer pessoa percebe, facilmente, o quanto a afetividade faz diferença nas relações humanas em geral, e, de modo especial, na relação professor-aluno. A epígrafe acima destaca o grau de afetividade de um professor vale mais que sua própria capacidade cognitiva para alcançar o sucesso no ato de ensino-aprendizagem, ou seja, para a construção do conhecimento e desenvolvimento do educando, não importa apenas o nível intelectual do educador, se este não consegue se relacionar com aquele. Disso pode-se inferir, a priori, que as relações afetivas fazem a diferença em sala de aula. A falta de

afetividade na relação aluno-professor, sobretudo na escola pública, seria um dos motivos da crise na educação brasileira? Quem é esse cliente que ela falha em educar? Quais suas perspectivas de vida e sua condição sócio-afetiva?

Na prática, esse debate sobre educação - que é dever de cada um de nós e um imperativo para toda a sociedade - pode tomar diversos rumos e posições conceituais e/ou ideológicas, em função das particularidades de cada realidade e da finalidade do questionamento. Porém, no contexto geral, as indagações anteriores têm ressonância evidente nas diversas respostas.

Percebe-se assim, que as relações permeiam toda a vida do ser humano e condicionam, de certa forma, o sucesso ou insucesso das pessoas, seja na escola, seja na própria vida. “Trabalhar as emoções e manifestá-las exige aprendizado e nem sempre é fácil, e não há fórmulas nem métodos eficientes, apesar de muitos livros já escritos sobre o assunto. Nada substitui o contato físico, o aperto de mão, o ombro amigo, o cafuné. Aprendendo a gostar de nós mesmos, aprendemos a demonstrar afeto pelos outros, a não ter vergonha de chorar ou de dar aquela gargalhada gostosa só de reencontrar alguém querido” (Bencini, 2001, p. 13).

Certamente a falta de afetividade é um dos agravantes da problemática educacional, pois um ambiente sem afinidade entre seus principais atores não pode oferecer um rendimento satisfatório em quaisquer atividades. Assim, os problemas se avolumam e se inviabilizam. Aquela empatia necessária para que pessoas atinjam objetivos comuns, a partir de um significado compartilhado em sala de aula, são marcados pelos vínculos afetivos, construídos pelo respeito entre professor e aluno, na ação pedagógica. “A construção de significados compartilhados entre professor e aluno está intimamente ligada à construção de um vínculo afetivo interpessoal no qual estão em jogo não apenas os sentimentos, as motivações e expectativas dos alunos, mas também os do professor. A experiência pedagógica - o ensinar e o aprender - é desenvolvida no vínculo: tem uma dimensão histórica, intersubjetiva e intra subjetiva.

(...) A partir dessa perspectiva, cabe destacar a importância do estilo afetivo do professor no desenvolvimento cotidiano da afetividade: como organiza e administra a tarefa, como oferece diversos tipos de ajuda, como se dirige a seus alunos e como faz suas avaliação” (Valdez, 2000, p. 24).

Como foi abordado anteriormente: tudo fica mais fácil com carinho, e com afeto. Esses ingredientes imprescindíveis em quaisquer aspectos das relações humanas, surtem efeito até mesmo com irracionais. Por toda essa obviedade não é difícil qualquer pessoa deduzir, a partir de uma simples reflexão, o quanto a afetividade tem influência positiva no comportamento e na aprendizagem do educando. Pode-se afirmar que aquela é um facilitador dessa, além de funcionar como elemento propulsor no desenvolvimento da inteligência emocional.

Quando se analisa as perspectivas de vida e as condições sócio-afetivas experienciadas por grande parte de alunos-problemas, percebe-se facilmente o quanto são vítimas do próprio *modus vivendi*, em que a carência afetiva reflete-se em suas atitudes e comportamentos, frutos de uma relação familiar desestruturada, sem oferecer uma melhor condição de vida a criança / adolescente, que se considera predestinada a sofrer; em tais circunstâncias a agressividade aflora naturalmente. Nesse momento torna-se muito difícil ao professor reverter o quadro sozinho; precisaria um trabalho coletivo e delicado de cunho psico-social, buscando a raiz do problema para superá-lo e possibilitar a tais famílias uma melhor estrutura e a seus filhos o direito de sonhar e encontrar no estudo um poder invisível e uma vantagem real sobre os outros que desconhecem o mesmo assunto. Essa é uma tarefa humanamente impossível para um professor (a), por melhor que sejam suas intenções, consciente, inclusive, que deve amar seu aluno, conforme Frederik Mayer, (apud Gadott, 1996, p. 86). “A grande habilidade de um professor é obter e manter a atenção de seu aluno: enquanto tiver isso, terá certeza de progredir tão rapidamente quanto a capacidade do aluno a permitir; e, sem isso, toda a sua pressa e alvoroço terão pouco ou nenhum propósito (por maior que possa ser) a utilidade do que ensina; e que o

professor faça ver ao aluno que, com o que aprendeu, ele pode fazer algo de que não era capaz anteriormente; algo que lhe dê algum poder e vantagem real sobre o outro que desconhece o mesmo assunto. A isso o professor deve acrescentar gentileza a todas suas aulas; e, por meio de um (sic) certa ternura em sua atitude, deixar a criança perceber que é amada, e que o professor não quer outra coisa senão seu bem; esse é o único meio de originar amor na criança, o que fará dar atenção às aulas e ter prazer com o que o professor lhe ensine.”

Cada aluno tem sua individualidade, sua maneira de pensar e agir. Diante disso, o professor deve respeitar as particularidades de cada um e conhecer o máximo possível a sua realidade, tendo em vista, em muitos casos, a forte carga emocional negativa advinda da relação familiar. Nesse ponto o professor age como psicólogo para entender diversos comportamentos agressivos ou de falta de interesse pelo estudo. Criar um clima adequado ao diálogo seria o grande método do professor, isso propicia um ambiente de liberdade que favorece o pleno desenvolvimento do indivíduo, fato que só será possível se houver confiança do educando para aceitar o educador como um facilitador da sua problemática e, por conseguinte, da sua aprendizagem.

A aprendizagem seria tanto mais profunda quanto mais importante para a pessoa que se educa: não podemos ensinar a outra pessoa diretamente: só facilitar seu aprendizado. Daí a importância das relações pessoais, da afetividade e do amor. Rogers atribui grande importância ao educador, ou facilitador da aprendizagem: ele deveria criar o clima inicial, comunicar confiança, esclarecer, motivar com congruência e autenticidade. Ele chamava isso de 'compreensão empática' (Gadott, 1996, p. 176).

Dentro desse clima de liberdade e respeito, construído em sala de aula a partir de uma relação afetiva entre professor-aluno, a compreensão empática se configuraria na aceitação do outro como parte do processo educativo, na cumplicidade

entre ambas as partes para atingirem os objetivos finais, que é o ensino-aprendizagem. Sabe-se, no entanto, que no decorrer da vida escolar vários são os alunos que se evadem e outros tantos que se mantêm, porém, inativos e problemáticos, sem atingirem um rendimento satisfatório. Esses alunos poderiam sentir-se podados em relação aos outros colegas por vários fatores: falta de perspectiva de um futuro melhor; falta de conhecimento prévio e, daí a vergonha de se expressar, de errar; ou ainda, pela apatia do professor, que não conseguira instalar aquela compreensão empática necessária para o sucesso da ação educativa.

Esses dois extremos comportamentais permeiam as relações interpessoais no cotidiano escolar; méritos merecidos não só para aqueles que conseguem criar um clima de liberdade e respeito, mas também àqueles que ao perceberem partes apáticas tem a coragem de buscar novos métodos e interagir por mudanças. É lamentável aquele que não costuma fazer avaliação crítica de sua prática pedagógica e, muitas vezes, não percebe essa apatia. Porém, pior ainda é quem percebe e não muda de atitude.

Numa análise de casos de alunos considerados problemas, tanto por agressividade quanto por passividade excessivas, é de fundamental importância a atitude do professor, seja como profissional que é, seja como ser humano, buscando alternativas pedagógicas ou priorizando comportamentos éticos que favoreçam uma convivência saudável em sala de aula. Esse trabalho humanitário e socializador na efetivação do diálogo, além de ser uma prova de amor ao próximo, tem efeitos terapêuticos no direcionamento de muitos casos; visto que o aluno ao se sentir acolhido, entendido em sua essência pela preocupação do professor com seu bem-estar, certamente se sensibilizará e se sentirá mais capaz de superar as dificuldades e se (re)integrar ao convívio desejável que possibilite seu sucesso.

2.2 A formação familiar como base de uma boa escolarização

A família é tão significativa na formação do ser humano, quanto o primeiro passo para aprender a andar. Embora a importância da afetividade na família tenha sido abordada no capítulo anterior, é sempre bom se retomar pontos positivos para reforçar a argumentação, dado o seu expressivo valor no desempenho de comportamentos e atitudes pessoais dos membros de qualquer grupo. Ela, que é efetivamente o primeiro grupo social na vida do ser humano, se constitui por isso na sua base: sólida, de pedra, forte, um mármore ou vulnerável como areia movediça. Segundo o pensamento de Coll (1998, p.147), "Os grupos que em psicologia, são denominados 'primários' se definem pelo predomínio dos vínculos afetivos e emocionais entre seus membros. A família é o exemplo mais claro".

São exatamente esses vínculos afetivos e emocionais positivos pretendidos e necessários num ambiente familiar que influenciarão futuras convivências em outros grupos, tendo em vista a satisfação produzida pelas experiências agradáveis, as quais a criança demonstrará em outros ambientes de socialização, grupos de convivência como a escola. "Embora a escola seja um contexto de socialização secundária, as crianças e os jovens passam grande parte dos dias juntos (e com o professor) e estabelecem fortes vínculos afetivos de tipos muito diversos entre eles, alguns positivos (de segurança, de confiança, de aceitação...) e outros negativos (como seria por exemplo, o sentimento de sentir-se tratado de forma injusta, de ser rejeitado socialmente, entre outros). Muitos autores destacaram que a semelhança de atitudes entre as pessoas gera processos de identificação e de atração [...] Assim, a atração pela figura do professor em seus alunos e o estabelecimento de laços afetivos positivos facilitará a imitação de suas atitudes pelos alunos" (Coll, 1998, p. 147).

Por isso mesmo, vale salientar a importância da família para o equilíbrio emocional da criança/adolescente, a fim de que na escola possa desenvolver um relacionamento satisfatório e, por conseguinte, atingir os objetivos educacionais pretendidos. Se forem crianças oriundas de famílias com desajustes, tais conflitos se explicitarão no cotidiano da escola; visto que esse pequeno ser não teve uma base familiar sólida que o edificasse para a vida em outros grupos sociais. Falta-lhe, em sua formação, o desenvolvimento de uma de suas faculdades mais importantes; a afetividade familiar, condição sine qua nom para a construção de valores, como amor, carinho, afeição, gratidão e respeito; cedendo lugar para o ódio, rancor, desespero e agressividade que constituem o seu desequilíbrio emocional.

Portanto, esses sentimentos que afloram conforme as situações vividas por cada indivíduo - calcadas em valores éticos: as virtudes, que fortalecem o caráter e a personalidade do ser humano; ou pelo contrário, situações antiéticas: as não-virtudes, que, via de regra, contribuem para sua deformação como ser social - são os condicionantes positivos ou negativos que os determinam como seres sociais ou associáveis. Em outras palavras, as atitudes agradáveis ou desagradáveis vivenciadas no meio familiar se constituem num referencial que marca profundamente a relação escola/família, na qual se insere a aprendizagem atitudinal e de valores, fundamentais na personalidade do ser humano, os quais estão intrinsecamente ligados à base familiar. “O fato de a escola exigir dos alunos que refutam sobre suas atitudes, comportamentos e conhecimento do modo mais relacional possível a fim de obterem os melhores resultados pessoais não significa que o processo pelo quais os alunos chegam a uma decisão seja um processo estritamente racional; na verdade, os estados afetivos e emocionais têm uma maior influência sobre a tomada de decisões sobre outros processos psicológicos” (Coll,1998,p. 169).

Ao se analisar o valor da afetividade na relação professor-aluno, condicionadas à base familiar, deve-se interpretá-la como uma energia positiva que impulsiona ações, as quais se inserem numa categoria interior do homem (aluno),

chamada de motivação... incentivada pelo comportamento externo do professor e/ou do grupo e, em especial, do grupo familiar, determinante das possibilidades de sucesso no processo educativo e de realização pessoal, ou seja, a motivação dá sentido à aprendizagem e à própria vida. Nesse interregno existencial de formação da criança, em seu caráter e em sua personalidade, nada é tão significativo e decisivo quanto as relações afetivas no seio da família, que constituem o aprendizado antes de chegar à escola:

A família gera uma série de atitudes nos meninos e nas meninas que estes levam consigo quando chegam à escola. Mas também facilita ou dificulta o desenvolvimento de atitudes em relação a objetos, pessoas ou situações concretas[...] Uma criança que, por exemplo, presenciou discussões entre seus pais por motivo de dinheiro estará mais predisposta a outorgar importância aos assuntos financeiros, do que outra cujos pais não tenham motivos para discutir por dinheiro ou da qual escondam esses problemas.[...] O professor deve observar e valorizar as diferenças atitudinais que existem dentro da aula, tanto no que se refere às atitudes que ali são ensinadas como as que os alunos adquirem antes de entrar na escola (Coll, 1998, p.146).

Nesse momento em que se aprecia a contribuição da família como determinante comportamental e atitudinal da pessoa no convívio de outro grupo social, no caso, a escola, percebe-se o quanto essas atitudes aprendidas antes de frequentar a escola são importantes no próprio desenvolvimento cognitivo do aluno. Isso traz à tona alguns aspectos relevantes para se compreender a capacidade de assimilação do aluno e sua própria aprendizagem: a personalidade do infante; a influência do ambiente (grupos extra e intra-escolares) e a influência e persuasão do professor. Estes e outros aspectos se refletirão nesse novo continuum de relações que é a escola.

Para analisar sobre estes aspectos que interessam de perto à presente argumentação, pois se constituem como uma espiral na produção do conhecimento, eixo de todo processo educativo, refletir-se-á no próximo tópico, a partir de referenciais teóricos que se cruzam com situações práticas bem conhecidas de todo educador, em sala de aula, tendo em vista uma avaliação criteriosa da real situação da turma: seus avanços e dificuldades na aprendizagem, analisando os fatores que poderiam ter contribuído o seu sucesso ou fracasso no processo educativo.

Até que ponto a afetividade é determinante para o sucesso ou fracasso no processo de ensino-aprendizagem? Que outros aspectos podem influir, de forma positiva ou negativa nesse processo? A esta altura, após ler e refletir sobre vários questionamentos nesse sentido e argumentações semelhantes ao longo de todo o texto, deve-se atribuir a estas duas indagações algumas explicações mais completas, além daquela premissa verdadeira de que a formação familiar é a base de toda estrutura humana, e o é realmente porque lá se forma a personalidade, que é o primeiro fator a ser analisado e determinante nos outros dois aspectos e algum a mais que se pretenda considerar.

Seguindo a ordem dos três fatores enumerados na página anterior para que se tenha uma compreensão dos diversos ritmos de aprendizagem e das várias situações de comportamento e atitudes dentro de uma sala de aula, os quais serão didaticamente relatados a seguir:

Primeiro fator: a personalidade do infante.

Este ponto é a mola propulsora de toda a história de vida da criança, por isso mesmo é determinante no seu sucesso ou fracasso na escola e na própria vida.

Para entender a importância da família nesse processo de formação humana, basta se pensar logo na seguinte questão: Quando e onde se forma a

personalidade do ser humano? Vários estudos afirmam que a personalidade se forma até aos 6 (seis) anos de idade, nesse período em que toda criança está no convívio da família, seja com os pais biológicos ou não, adotados por alguém ou mesmo no interior de uma instituição de proteção provisória, essa criança travará relações com pessoas e situações concretas em seu cotidiano, as quais marcarão sua vida. Portanto, a personalidade se forma nesses primeiros anos de vida, a partir de uma relação vincular com alguém e com o próprio ambiente em que vive. Daí a importância dos laços afetivos nesse início de vida, fortalecendo a formação da personalidade, preparando o novo ser para as adversidades a serem enfrentadas ao longo da sua existência. Nesse contexto relacional, o pensamento Walloniano segundo Galvão (2002, p. 11). “Enfoca o desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nas diferentes etapas, os vínculos entre cada campo e suas implicações com o todo representado pela personalidade”

Segundo fator: influência do ambiente (grupos intra e extraescolar).

Sem essas relações interpessoais ninguém vive. Na estrada da vida, a escola é o segundo grupo social, é um momento marcante na vida de toda criança. Para uma parte, os que têm acesso à Educação Infantil - ainda no período de formação da personalidade - é uma oportunidade rica de inter-relações, as quais se constituirão num diferencial favorável para o desenvolvimento dessas crianças. Retomando o pensamento walloniano, tem-se essa afirmação: “Considerando que o sujeito constrói-se nas interações com o meio, Wallon, propõe o estudo contextualizado das condutas infantis, em cada fase do desenvolvimento, o sistema de relações estabelecidas entre a criança e o ambiente” (Galvão, 2002, p.11-12).

É, portanto, nesse contexto de relações (intra e extra) escolares que se forma a personalidade da criança e sua conduta, enquanto criança/adolescente; pelo resto de sua vida será reflexo dos vínculos afetivos, das situações agradáveis ou desagradáveis vivenciadas na infância em que o sujeito constrói-se. Por isso mesmo, se

reveste da maior relevância o papel da família, como base formadora e como guardiã permanente do ser em formação; a escola - compreendida pelos demais segmentos: grupo gestor, funcionários e, sobretudo, pelos professores/educadores - tem a nobre e difícil missão de dar continuidade a essa formação. Nesse mister, ambas as instâncias devem analisar com muito cuidado o ambiente em que circula a criança. Os grupinhos, tanto no interior da escola quanto fora dela, exercem grande influência no comportamento dos educandos. Não se trata de impedi-los, porém, é necessário conhecer ao máximo essas interações, se possível, até participar de suas conversas, mesmo que indiretamente, para evitar desvios de comportamentos que influirão no aproveitamento do ensino-aprendizagem, num primeiro momento e, futuramente, na própria vida do indivíduo: “Ao longo da etapa escolar, meninos e meninas adquirem conhecimentos cada vez mais complexos, habilidades analíticas e verbais, e aprendem a lidar com uma série de instrumentos e técnicas. Além disso, devem internalizar uma série de normas e papéis que permitem o funcionamento do centro educacional em geral e da classe em particular e que atuam como guia para a sua conduta. Finalmente - e é aqui onde concentramos a nossa atenção - crianças ou adolescentes aprendem - seja de forma involuntária ou consciente - uma série de atitudes sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo, pelo fato de encontrarem-se numa situação pública de interação com outros indivíduos” (Coll, 1998, p.140-141).

Terceiro fator: influência e persuasão do professor.

Este aspecto merece toda atenção, pois compreende o centro do objeto deste trabalho, ou seja, define todo o direcionamento da relação professor-aluno. Aqui na maioria dos casos, já se analisará o indivíduo, com mais de seis anos, com a personalidade formada e fazendo parte de outros grupos. Faz-se necessário, então, que essa influência e persuasão do professor, se revista de um certo poder, não para manipular, mas para orientar esse processo de influência social, que todas as pessoas produzem e recebem ao longo da vida, de alguma maneira, todas as pessoas influenciam alguém e também são influenciadas por outras e pelo próprio ambiente.

Em todo processo de influência social intervêm quatro fatores fundamentais além da informação em si, conforme Coll (1998 p. 154):

1. O ato objeto. Ato ou mudança atitudinal que deverá ser executada pela pessoa que se submete à influência (por exemplo, interessar-se pelos problemas do meio ambiente, mostrar-se cooperativo numa campanha antidrogas, etc.).

2. A pessoa objeto. Pessoa que recebe a influência.

3. A relação entre a pessoa objeto e outras pessoas significativas que exercem a influência. (Nesta categoria estão incluídas as relações de poder entre professor e aluno que, embora não sejam as únicas, possuem um importante papel na escola.)

4. O contexto social no qual ocorre tanto o processo de influência como o ato objeto.

Estes fatores supracitados contemplam todo um processo inter-relacional dentro e fora da escola, a ser analisado no contexto da avaliação do ensino-aprendizagem, para aferição do sucesso ou fracasso do aluno. Tudo isso pode ser compreendido como uma relação dialética de interesses defendidos e objetivos pretendidos; para modificar aqueles e atingir estes de maneira coerente, respeitando a liberdade e a integridade do educando, o professor / educador lança mão deste poder, a todo instante, de várias formas, intencionais ou não, sempre buscando o bem da criança / adolescente.

Para evidenciar mais este terceiro fator, a respeito do poder de influência e persuasão do professor na perspectiva de pressionar os alunos para que modifiquem suas atitudes, para um comportamento mais adequado na escola e na

sociedade, tem-se a seguir uma definição dos dois termos (influência e persuasão) para estabelecer a compreensão de suas diferenças, segundo o próprio Coll (1998 p. 154):

“A diferença entre persuasão e influência reside, de acordo com tais definições, em que a primeira envolve um maior grau de intencionalidade que a segunda. Ou seja, podemos influenciar uma pessoa, embora não seja essa nossa intenção. Mas nunca haverá uma tentativa de persuadir alguém que não seja intencional. O ensino envolve diferentes processos de persuasão e influência no sentido de que se propõe como objetivo ensinar aos alunos e alunas atitudes, valores e comportamentos que com frequência requerem o abandono daqueles previamente aprendidos”

Dessa maneira, pode-se inferir o quanto é significativo a compreensão exata da utilização desse poder contido na influência e na persuasão. Compreendendo os limites da tolerância e aceitabilidade da pessoa objeto, no recebimento da influência, no caso, entre o aluno / educando e o professor / educador trava-se todo um complexo processo relacional, um trabalho árduo, que nem sempre atinge seus reais objetivos, nem mesmo a longo prazo. Termina um ano letivo e determinados alunos não se deixam modificar, não se mostram receptivos. São pessoas com alguma carga emocional negativa, um alto grau de carência afetiva e/ou situação social problemática, fato que obstacula a ação pedagógica. Sem essa compreensão empática não surtem efeitos as tentativas do professor para influenciar as mudanças comportamentais necessárias.

Certamente essa é uma das tarefas mais difíceis na relação professor / aluno, a qual exige muita competência e habilidade para se obter êxito; faz-se necessário que se recorra a vários recursos na tentativa de persuadir os alunos. French e Raven (1959), citados por Coll, (1998, p. 155-156), classificaram os tipos de poder social segundo o tipo de recursos nos quais se baseiam:

1- O poder coercitivo: um professor pode - e o que é muito importante, o aluno sabe disso - castigar um aluno tanto por não saber responder às suas perguntas sobre um tema estudado como por não se mostrar participativo em aula;

2- O poder de recompensa: baseia-se na percepção por parte da pessoa receptora da influência de que o comunicador pode oferecer-lhe recompensa ou benefícios.

3- O poder referente: baseia-se na identificação com a fonte de poder. Segundo o grau em que o aluno ou aluna se veja atraído pelo professor, o primeiro tentará moldar o seu comportamento ou atitudes ao do segundo e, dessa, forma o comportamento ou atitudes do emissor, enquanto pessoa significativa, estará influenciando o receptor.

4- O poder de especialista ou de perícia: baseia-se na percepção de que o comunicador possui uma série de conhecimentos especiais dos quais o receptor carece.

5- O poder legítimo: baseia-se na aceitação pelo receptor das normas internas e dos valores que o orientam ou pressionam para agir corretamente. No contexto escolar, isso pode significar a aceitação voluntária do aluno da autoridade do professor em função de certas características: a sua idade, a sua posição na hierarquia escolar e a sua condição reconhecida de especialista.

2.3 A importância do vínculo afetivo na interação educador-educando

O homem traz em si características diferenciadas em relação aos demais seres. Mais do que raciocinar, ser capaz de realizar cálculos, acumular conhecimentos nas diversas áreas científicas, ele é constituído de sentimentos diversos,

tais como: ódio, rancor, carinho, felicidade etc. No seu desenvolvimento emocional, esses sentimentos afloram conforme as situações de vida por ele passadas e, dependendo das oportunidades de educação, saúde, e lazer que lhe sejam oferecidas, muitas vezes acumulam-se mais os aspectos negativos que os positivos, efetivamente no meio escolar. “A afetividade possui elementos de consciência, de valores, de compromisso, de componentes simbólicos, está vinculada à percepção e estimula as estruturas cognitivas, favorecendo a construção do conhecimento crítico tendo como base metodológica a problematização, o diálogo e a vivência” (Cavalcante, 2001, p.8).

Analisando-se o espaço escolar, pode-se perceber a variedade de sentimentos, intenções e reações que acontecem simultaneamente em sua dinâmica e, a dimensão afetiva ocupa lugar de destaque tanto como instrumento de formação humana quanto como facilitador da aprendizagem.

A diversidade de educadores em termos de interesses, atitudes, valores e integração de personalidade é maior do que na capacidade intelectual geral e em outras variáveis cognitivas porque o término da Universidade e outras exigências para o ensino estão mais baseados nas características cognitivas do que nas afetivas. Não se pode estabelecer caminhos de crescimento cognitivo sem a relação entre os envolvidos no processo educativo, sem se desenvolver entre si laços que os tomem próximos um do outro, sobretudo na ação moral que se confrontam afetividade e razão. Deve haver o domínio afetivo e o domínio racional.

Ao se analisar o domínio dos afetos, a afetividade é comumente interpretada como uma energia, que faz com que impulse ações havendo algum interesse que motive a ação. A afetividade é a mola propulsora das ações e a razão está a seu serviço. O dualismo afetividade-razão é fácil de ser compreendido quando os dois termos são entendidos como complementares. A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilita ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

Uma criança ao longo das várias fases do seu desenvolvimento, suas capacidades intelectuais, sociais e afetivas vão se tornando cada vez mais complexas e adaptadas às condições criadas para ela. O professor deve respeitar o ritmo de desenvolvimento da criança, pois o grau pode variar e estando atento para perceber as necessidades, o professor pode criar um vínculo afetivo com essa criança de forma a facilitar o desenvolvimento de sua capacidade.

Cabe ao professor encontrar formas de chegar mais perto de seus alunos, de interagir com eles sem causar bloqueios, distúrbios, pois quando se trabalha com o aluno, reconhecendo nele um agente transformador, e percebendo diferenças e semelhanças entre a turma, compreendendo a realidade de cada um, isso se torna um processo de conhecimento mútuo e evolução afetiva.

A ação do professor resultante da troca de conhecimento entre ele e o aluno, desperta algo valioso e inovador. O relacionamento entre o professor é autêntico quando não há barreiras e existe interesse e amizade entre eles, o aluno deixa de ser visto como coisa ou objeto, desta maneira não há manipulação por parte do professor. Os alunos participam, decidem o que querem e o que não querem. Assim, o comportamento do professor em relação aos alunos é de fundamental importância para que o aluno compreenda o seu desenvolvimento. Depois de um determinado tempo, quando começar a viver o dia a dia, aumenta significativamente as trocas, os contatos; o professor dará liberdade incentivando esse comportamento para o aluno, favorecendo, desta forma, um grau de maturidade afetiva mais ampla entre ambos.

A relação afetiva professor-aluno ganhou peso nos últimos anos, já que a escola tem dividido com a família cada vez mais cedo a tarefa de cuidar das crianças. Além disso, como os laços criados no ambiente escolar não têm a mesma possessividade das ligações familiares, essa relação se torna especialmente importante.

Portanto, os primeiros contatos com a escola, definem se a criança terá uma convivência boa ou não com a aprendizagem.

Assim sendo, se faz necessário ressaltar a importância da afetividade entre educador e educandos. Se a afetividade, a energia que movimenta a ação não é estimulada, pode ocorrer que essa mesma energia faça com que não ocorram ações (aprendizagem). Esse desgaste relacional pode começar a se efetivar logo no início do processo educativo ou longo do percurso, quando o professor rotula o aluno e da mesma forma, o aluno, para se adaptar as posições do professor, tende a determinar o seu comportamento escolar em função das classificações de professor severo, mal. Desta forma, gera-se uma verdadeira rotulação, onde cada um tenta transformar o outro em objeto.

Diante de todos os rótulos que são postos, cada um, professor e aluno, no interior do par educativo tenta se livrar da dominação recíproca. Assim cria-se inicialmente, a oposição entre o professor e aluno. Essa oposição gera um fracasso educativo. Se o professor resolver de uma forma satisfatória minimizar este problema da educação, que se faz dominada pelo imperialismo que o indivíduo, mesmo o educador traz consigo, pode-se chegar a uma troca harmoniosa com o aluno. Essa troca harmoniosa seria uma atitude intermediária entre a afeição e a severidade. É importante evitar desenvolver no aluno um exagero de afetividade e super proteção; nem tampouco severo demais, pois o aluno poderá manifestar reações de hostilidade.

A harmonia que se faz necessária é deixar que o educador e o aluno estejam em completa liberdade. O professor é um instrumento que cria oportunidades, abertura para que o aluno cresça em seu desenvolvimento interior, deixando um campo livre para uma formação afetiva do educador. E, para isto, é necessário encontrar em si mesmo as condições de um amor verdadeiro, autêntico.

Na busca de uma expressão de amor, feita de equilíbrio e compreensão, meio caminho entre a severidade e a indulgência, o educador deve cuidar para que seu comportamento responda as seguintes exigências: deve dar provas de senso de humor, deve manifestar um amor ao mesmo tempo pessoal e impessoal, deve ser a própria imagem da renúncia e deve adaptar-se à idade, à psicologia e à evolução de cada aluno.

O professor poderá se manter em nível de uma ironia, a medida em que não é maldoso, afetuoso ou amistoso, dando prova de espiritualidade bem compreendida, criando uma atmosfera alegre na classe. Este humor mostra a criança que o professor sabe ficar no seu lugar para julgar e apreciar os atos de cada um. Por outro lado, a ironia age sobre o aluno como um repulsivo, convidando-o a dar prova de espírito crítico perante si. O senso de humor deve ser dosado conforme idade e sexo do aluno, pois as meninas são mais sensíveis e isto deverá ser levado em consideração.

Alguns professores possuem a oratória meio estereotipada de pais, e isso gera inicialmente na criança um choque afetivo, uma surpresa inquietante "por que esta pessoa fala como minha mãe?" "Por que me ama tanto?" É no período em que a criança está cursando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, quando os alunos experimentam uma verdadeira paixão pelos seus professores.

Caso esse relacionamento ocorra de forma exagerada, deverá o professor intervir nesta exteriorização e se tornar mais neutro, atenuando a afeição que havia mostrado a criança, englobando a afeição geral por toda a classe, constatando que já não estão tão próximos. A criança sofre um novo choque afetivo que será logo superado.

É no período de nove anos que as relações afetivas do par educativo devem chegar a um amor realmente impessoal. O professor adotara diante de cada

aluno um sentimento não individual, mas coletivo, mesmo que em determinados momentos acolham os alunos mais afetuosos.

O aluno compreende, então, e o amor pelo professor se transforma em amor voltado para si mesmo, sua formação.

O professor diante dessa forma de amor, se torna a própria imagem da renúncia. Ele ama, contribuindo para o crescimento do seu aluno e depois não pode acompanhar a criança por toda sua vida. Pode verificar, no entanto, que quanto mais o educador envelhece na carreira, mais ele está ameaçado a uma esclerose sentimental, o que impede de se renovar. Isto gera um conflito das relações entre o educador e o educando.

Grande erro consiste em se aproximar dos jovens para viver com eles, mostrando-lhes uma atitude moralista, com fatigantes preceitos morais. Isto apenas aumenta, cada vez mais, a distância entre educando e educadores e os alunos passam a perder a confiança no professor e rapidamente desmascaram a hipocrisia. Percebem que existe a distância dos discursos e os atos, que os professores de moral não estão sempre ao nível de suas palavras. “Como a afetividade (tônus enérgico da ação assimiladora) é a inteligência (estratégias de assimilação do objeto) são aspectos diferentes e concomitantes do mesmo ato (assimilação), pode-se dizer que há tantos tipos de afetividade quantos modelos de inteligência (sensório-motora, simbólica, operatória)” (Lima, 1980, p.71).

A relação satisfatória entre professor-aluno faz parte das condições básicas para a qualidade da aprendizagem. A interação requer uma comunicação adequada dos objetivos, temas e tarefas que deverão ser desenvolvidas.

Os aspectos sócio-emocionais têm também, sua grande importância na relação professor-aluno. Estes aspectos referem-se aos vínculos afetivos e as normas e exigências que o aluno precisa seguir.

É necessário o professor viver com os seus alunos momentos agradáveis, compartilhando suas discussões, seus jogos, seus prazeres, para ter a possibilidade de conhecê-los cada vez mais e exercitar a afetividade tão necessária para que ocorra um ensino-aprendizagem de forma satisfatória.

Portanto, pode-se inferir que, as relações afetivas em sala de aula devem ser, de fato, o maior instrumento facilitador da prática pedagógica; aquele algo mais que faz a diferença na ação eficiente de vários educadores, ou seja, as diferenças afetivas entre professores são provavelmente, mais importantes na determinação do sucesso do que as diferenças cognitivas, como afirma a epígrafe na abertura deste capítulo.

Sem ter realmente a pretensão de encerrar o assunto e sim, suscitar novos questionamentos para ressaltar a importância da afetividade, a conclusão deste capítulo, aborda um outro aspecto do valor das relações afetivas, como afirma o neuropsiquiatra francês David Servan-Schreiber, ao incluir a afetividade entre as sete maneiras de estimular o cérebro para ter sempre o corpo e as emoções em equilíbrio. A nova medicina das emoções, como intitula seu artigo, diz : "é possível curar depressão, ansiedade e estresse sem ir ao divã do analista". E, como um dos métodos naturais, dos seus sete passos para o bem-estar, se inclui a troca afetiva: "O contato afetivo é uma necessidade biológica, como alimento e o oxigênio. Experiências com ratos revelaram que a fisiologia dos mamíferos se desorganiza quando as relações afetivas se degradam. Nos humanos, estudos afirmam que a qualidade da relação entre pais e filhos determina o bom funcionamento do sistema parassimpático da criança, ou seja, o fator que favorece a coerência do ritmo cardíaco e permite resistir ao estresse e a depressão (Servan Schreiber, 2004, p. 65).

O que se pode dizer aos professores, de tudo quanto foi exposto sobre as expectativas altas e seus efeitos sobre o seu relacionamento com os alunos na sala de aula? De acordo com Vallejo (2001 , p. 95-97):

1. Em primeiro lugar, e por razões de autenticidade e sinceridade com nos mesmos, devemos ter consciência de que temos (ou podemos ter) expectativas e desejos diferentes a respeito de alunos ou grupos de alunos concretos.

2. Devemos estar conscientes do tratamento diferenciado que podemos dar a esses alunos.

3. Pensemos que não temos apenas expectativas de êxito, mas também expectativas de fracasso de fato.

4. Nossas expectativas não são causa do êxito nem do fracasso do nossos alunos.

5. Nossa reflexão e auto-avaliação devem levar em conta se, de fato, nossa atitude comunicação com os alunos é discriminatória: se ajudamos alguns alunos, deixando de ajudar outros ou até chegando a prejudicá-los.

O verdadeiro educador não pode contentar-se em ser apenas um conteudista, um transmissor de conhecimentos. Ele deve exercer uma influência positiva sobre os educandos. O processo educativo é uma consequência desta posição. Deve ser estruturado e organizado como uma alternativa válida e capaz de possibilitar aos educandos condições para identificar, incorporar e vivenciar, por meios de ações concretas, os valores que lhes permitirão encontrar-se consigo mesmos e com os outros, na dimensão da solidariedade e do serviço desinteressado à causa do bem comum.

CONCLUSÃO

Após toda a leitura sobre a temática da afetividade e sua importância na relação educação, de se refletir um pouco sobre a própria prática pedagógica, será muito difícil se encontrar um professor que não tenha lembrado de algum comportamento inadequado no relacionamento com seus alunos. Situações em que um simples afeto teria contribuído para contornar determinados embaraços mas que pela falta de maior sensibilidade, termina por se desenvolver um clima pesado entre professor e aluno, um acirramento, o qual muitas vezes desencadeia consequências negativas nessa inter-relação. Como exemplo, pode-se citar o caso mais comum que é a avaliação injusta, prejudicando aquele aluno rebelde, problemático, com o qual não se estabeleceu uma empatia inicial. Por outro lado, não se faz um trabalho no sentido de reverter realidades que tendem a prejudicar o processo ensino-aprendizagem.

Sem dúvida, a conduta do professor influi na motivação e na dedicação do aluno ao aprendizado. Pedro Morales (2001. p. 32) afirma: "Com frequência, os alunos menos motivados não comprometidos com seu aprendizado, recebem de seus professores comentários, ou outro tipo de comunicação, que os desmotivam ainda mais".

A impressão que se tem, a priori, é que este exemplo é bastante comum. Agindo de forma equivocada, o professor descuida-se e até desmotiva aqueles que mais necessitam de sua ajuda, a ponto de ignorá-los. De acordo com o próprio Morales (2001, p.35), "Se não estamos convencidos de que todos os alunos são importantes, dificilmente transmitiremos de maneira crível que todos importam para nós".

Sem abrir, mão dos conteúdos tradicionais da escola, os professores devem trabalhar conteúdos de natureza afetiva, entendendo-os como objetos de conhecimentos para a vida dos estudantes, da mesma forma que a matemática e a

língua são vistas como objetos de conhecimento a serem aprendidos. Resumindo, com esse tipo de proposta educacional, a escola entende que da mesma forma que os estudantes aprendem a somar, a conhecer a natureza e a se apropriar da escrita, é fundamental para suas vidas que conheçam a si mesmos e a seus colegas, e as causas e conseqüências dos conflitos cotidianos. Trabalhando dessa maneira, por meio de situações que solicitem a resolução de conflitos, a educação atinge o duplo objetivo de preparar alunos e alunas para a vida cotidiana, ao mesmo tempo que não fragmenta as dimensões cognitiva e afetiva no trabalho com as disciplinas curriculares.

A título de conclusão, recorre-se a uma afirmação de Moreno (1998. p. 12): "Integrar o que amamos com o que pensamos é trabalhar, de uma só vez, razão e sentimentos; supõe elevar estes últimos à categoria de objetos de conhecimento, dando-lhes existência cognitiva, ampliando assim seu campo de ação. "Trabalhar pensamentos e sentimentos - dimensões estas indissociáveis requer dos profissionais da educação a disponibilidade para se aventurarem por novos campos de conhecimento e da ciência para darem conta, minimamente, de realizarem as articulações que a temática solicita. Eis uma nova e difícil empreitada, que exige coragem para enfrentarmos o desafio posto: buscar novas teorias e abrir mão de verdades há muito estabelecidas em nossa mente. Desafio salutar para o avanço da educação. De mais a mais, a recusa a este trabalho contribuirá para a consolidação do "analfabetismo emocional" na sociedade contemporânea.

Se a leitura deste trabalho produzir a reflexão por parte de alguns companheiros e isso contribuir para uma mudança na sua ação pedagógica, realmente terá valido a pena as horas de pesquisa e de produção na argumentação desta temática. Dessa maneira, conclui-se este trabalho, na perspectiva de ter-se contribuído para a reflexão e debate acerca de uma temática tão presente e relevante na prática pedagógica, que é a importância da afetividade na relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Cássia Regina Xavier de. **Educação biocêntrica: vivendo o desenvolvimento organizacional.** Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- ARANTES, V. **Cognição, afetividade e moralidade.** São Paulo, Educação e Pesquisa, 26(2): 137-153, 2001;
- ARANTES, V. & SASTRE, G. **Cognición, sentimientos y educación.** Barcelona, Educar, v. 27, 2002.
- BENCINE, Roberto. Relacionar-se. **Nova Escola**, Rio de Janeiro, p.3-9, dez. 2001.
- CANÇADO, Marília Batista. **Escola hoje.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação à Distância, 1996.
- CASTRO, Gilda de. **Professor submisso, aluno cliente: reflexões para a docência no Brasil.** Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003.
- CAVALCANTE, Ruth e outros. **Educação biocêntrica: um movimento de construção dialógica.** Fortaleza: Edições CDH, 2001.
- CONTE, Frei Hildo. **Mudanças na família e os valores.** Mundo Jovem, RS. Nº 303 p.14, fev. 2000.
- COLL, César. **Contribuições da Psicologia para a Educação: Teoria Genética e aprendizagem escolar.** in LEITE, Luci Banks (org.). Piaget e a Escola de Genebra. São Paulo: Cortez, 1987. p.205.
- COLL, Cesar et al. **Conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- COSTA, António Gomes. **Aventura pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa.** São Paulo: Columbus, 1990.
- DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- DANTAS, Heloysa. **A infância da razão.** São Paulo. Ed. Manole, 1990.
- FARIA, Maria Aparecida Vasconcelos. **A fronteira entre o humano e o desumano.** Mundo Jovem, RS., Nº.303, p.7, fev. 2000.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1996.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ. :Vozes. 1995.
- GUAJARDO, Eugênio Saavedra. **Guidano A emoção na construção de significados**. Revista Pátio, p 58-61, N° 27, ago/out. 2003.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão (org.) **Relação professor-aluno: contribuição prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.,
- LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Tradução de Marta Kohl de Oliveira e Heloísa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
- MORENO, M. **Sobre el pensamiento y otros sentimientos**. Cuadernos de Pedagogia, Barcelona, 271, p. 12-20, 1988.
- MORENO, M. Et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal na escola**. São Paulo. Moderna, 1999.
- OLIVEIRA. M. K. de. **O Problema da afetividade em Vygotsky**, In: La Taille, Y; Dantas, H; Oliveira, M, K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- PIAGET, Jean. **Inteligência y afectividad**. Buenos Aires: Aique 2001.
- SANDSTRÖM, Cari Ivar. **A psicologia da infância e do adolescente**. Rio de Janeiro, Ática, 1996.
- SERVAN-SCHREIBER, David. **A nova medicina das emoções**. Revista Bons Fluídos, p.64-67, abr.2004.
- SHINYASHIKI, Roberto. **A carícia essencial: uma psicologia do afeto**. São Paulo: Gente, 1972.
- VALDEZ, Daniel. **As relações interpessoais e a teoria da mente no contexto educativo**. Pátio, p.24-26, N° 23, set/out. 2002
- VALLEJO, Pedro Moralles. **A relação professor-aluno**. São Paulo: Loyola, 2001.